

As Mulheres do Afinador de Pianos

Violet casou com o afinador de pianos quando ele era jovem. Belle desposou-o quando ele já era velho.

A história era um pouco mais intrincada do que pareceria à primeira vista, já que, ao escolher Violet para sua mulher, o afinador de pianos rejeitara Belle, algo de que todos se recordaram quando surgiu o anúncio do segundo casamento. — Bom, ela sempre acabou por ficar com o que sobra dele — comentou um lavrador das redondezas, num tom que nada tinha de vingativo, limitando-se a expor um facto tal como o via. Muitos outros viam as coisas da mesma forma, mas a maior parte teria colocado a questão em termos diferentes.

O afinador de pianos já tinha o cabelo branco, e a artrose num dos joelhos agravava-se com a humidade de cada novo Inverno. Em tempos fora esbelto, mas agora já não, e estava mais cego do que no dia em que se casara com Violet — uma quinta-feira, dia sete de Junho de 1951. As sombras que agora o rodeavam eram mais informes e menos densas do que as de 1951.

— Sim, aceito — respondeu ele na pequena igreja protestante de St. Colman, parado quase exactamente na mesma postura daquela outra tarde. E Belle, no seu quinquagésimo nono ano de vida, repetiu as palavras que a sua antiga rival proferira também diante daquele altar. Um intervalo de tempo decoroso passara desde a morte de Violet; nenhum dos presentes na igreja achou que a memória dela não fora respeitada, que o seu falecimento não fora devidamente carpido. — ... e concedo-te a posse de todos os meus bens terrenos — declarou o afinador de pianos, enquanto a sua nova esposa pensava que gostaria de ali estar vestida de branco, em vez da cor de vinho tinto mais adequada às circunstâncias. Não assistira ao primeiro casamento, embora

a tivessem convidado. Manteve-se atarefada nesse dia, a caiar o galinheiro, mas, ainda assim, chorou. E, com ou sem lágrimas, era mais bonita — e quase cinco anos mais jovem — do que a noiva que tão intensamente lhe ocupava o espírito enquanto se debatia com os seus ciúmes. Porém, ele preferira Violet — ou talvez tivesse preferido a perspectiva da casa que ela um dia havia de herdar, disse Belle a si mesma no galinheiro, cheia de amargura, mais a magra fortuna que a família dela possuía, capaz de aliviar um pouco a existência de um cego. Era perfeitamente compreensível, ecoava-lhe no espírito mais tarde, cada vez que via Violet a conduzi-lo pelo braço enquanto caminhavam lado a lado, cada vez que pensava em Violet a providenciar para que tudo corresse pelo melhor, proporcionando-lhe uma vida digna desse nome. Pois bem, também ela poderia ter feito o mesmo.

Quando saíram da igreja, ouviu-se música de Bach, embora naquele dia fosse outra pessoa a tocar órgão, tarefa que cabia habitualmente ao noivo. Formaram-se grupos no pequeno cemitério de lápides dispersas em volta do pequeno edifício cinzento, onde o pai e a mãe do afinador de pianos estavam sepultados, juntamente com membros de gerações anteriores da linhagem paterna. Ia haver chá e algumas bebidas para os convidados do casamento dispostos a ir até à casa, a três quilómetros dali, mas alguns despediram-se desde logo, desejando felicidades ao casal. O afinador de pianos apertou mãos que lhe eram familiares, vendo em espírito rostos que a primeira mulher lhe descrevera. Estava-se no pino do Verão, assim como em 1951, com o sol a aquecer-lhe a testa e as faces e também o corpo, através do pesado traje de casamento. Conhecia aquele cemitério desde a mais tenra infância, começara por apalpar as letras nas lápides em garoto, soletrando, para a mãe ouvir, os nomes dos familiares do pai. Ele e Violet não tinham tido filhos, embora vontade não lhes faltasse. Ele era o filho dela, dizia-se, uma afirmação que exasperava Belle sempre que a ouvia. Ela, sim, ter-lhe-ia dado filhos, disso tinha a certeza.

— Tenho uma visita a sua casa marcada para o mês que vem — recordou o velho noivo a uma mulher cuja mão permanecia pousada na sua, proprietária de um *Steinway*, o único de entre todos os pianos que ele afinava. Ela tocava-o maravilhosamente. Sempre que o afinava, ele pedia-lhe que tocasse, garantindo-lhe que ouvi-la constituía pagamento suficiente. Mas ela fazia sempre questão de lhe pagar os honorários devidos.

— Segunda-feira, dia três, se não estou em erro.

— É isso mesmo, Julia.

Ela tratava-o por Mr. Dromgould: havia nas maneiras dele qualquer coisa que não encorajava a familiaridade alheia. Muitas vezes, ao falarem acerca dele, as pessoas referiam-se-lhe como o afinador de pianos, e este recordar da sua profissão reflectia o respeito devido ao possuidor de um dom especial. Owen Francis Dromgould, eis o seu nome completo.

— O dia foi bem bonito, sim, senhor — comentou o novo pastor da paróquia, um jovem sacerdote. — Disseram que era capaz de chover, mas enganaram-se e muito.

— O céu...?

— Ah, nem uma nuvem, Mr. Dromgould, nem uma nuvem.

— Bom, que agradável. E o senhor pastor vem até à nossa casa, espero eu...?

— Faça questão, está claro — interveio Belle, pressurosa, e logo se afadigou por entre os convidados no cemitério, reiterando o convite, pois estava decidida a que houvesse uma festa.

Passado algum tempo, quando o novo casamento já entrara nas suas rotinas, as pessoas começaram a perguntar a si mesmas se o afinador de pianos iria pensar na reforma. Com o joelho doente, e cego naquela idade avançada, ninguém lhe levaria a mal essa decisão nas casas, nos conventos e nas escolas onde ele aplicava o seu talento. Tinha todo o direito ao seu lazer, e a boa sorte de ter uma companheira com quem partilhar os anos derradeiros não era mais do que merecida. Porém, quando, esporadicamente, alguém mais falador ou mais indiscreto lhe colocava a questão, ele negava que tais ideias sequer lhe passassem pela cabeça e declarava que, no seu entender, apenas a chegada da morte poria fim à sua labuta. A verdade é que se sentiria perdido sem o seu trabalho, sem as idas aqui e acolá, sem a visita, a cada seis meses, mais ou menos, a uma das cidadezinhas a cujos habitantes oferecera os seus serviços há já tanto tempo. Não, não, garantia, continuariam a ver o *Vauxhall* branco a cruzar o portão de uma quinta ou estacionado durante meia hora no pátio de um convento, ou então encostado à berma de uma estradinha enquanto ele comia as sandes do almoço, com a mulher a servir o chá trazido num termo.

Fora Violet quem desencadeara grande parte desta actividade febril. Quando se casaram, ele ainda morava com a mãe na casa do guarda-

-portão de Barnagorm House. Desde cedo começara a afinar pianos — os dois de Barnagorm House, outro na povoação de Barnagorm e outro ainda numa herdade para onde ia a pé, calcorreando mais de seis quilómetros para lá chegar. Nesse tempo, as pessoas consideravam-no um aleijado a precisar de caridade, pediam-lhe muitas vezes que concertasse os assentos de sisal das cadeiras ou dos bancos, uma arte que ele aprendera, ou que, numa ou noutra festividade, tocasse o violino que a mãe lhe comprara na infância. Quando Violet se casou com ele, porém, alterou-lhe a vida. Mudou-se para a casa do guarda-portão, e, embora ela e a sogra nem sempre estivessem de acordo, conseguiram viver as duas sob o mesmo tecto. Tinha um carro, o que lhe permitia conduzi-lo a qualquer lugar onde descobrisse um piano, normalmente há muito votado ao abandono. Chegava a levá-lo a casas situadas a mais de sessenta quilómetros. Decidia qual o montante dos honorários dele, tomando em consideração o consumo de gasolina e o desgaste do automóvel. Sempre eficiente, ia preenchendo um caderno de endereços e assinalava numa agenda, para cada caso, a data da próxima afinação. Contabilizou um aumento acentuado nos proventos do marido e percebeu que o seu talento de violinista lhe poderia render bem mais do que ele se dera conta anteriormente: serões de *country-e-western* em *pubs* isolados, os tradicionais bailes de Verão em estrados erguidos nas encruzilhadas — um costume que, em 1951, ainda não se extinguiu por completo. Owen Dromgould adorava o violino e não se fazia rogado em tocá-lo fosse onde fosse, quer lhe pagassem quer não. Mas Violet não deixava escapar uma só ocasião de ganhar dinheiro.

E assim, nesta azáfama, o primeiro casamento foi progredindo, e quando, por fim, Violet herdou a casa do pai, levou o marido e foram viver os dois para lá. Outrora rodeado por uma quinta, o solar há muito fora despojado dos terrenos circundantes, perdidos devido à paixão pela bebida que, geração após geração, acoosara a família, sem todavia contagiar a própria Violet.

— Pois bem, diz-me o que ali está — pedia-lhe muitas vezes o marido nos primeiros anos de casados, e Violet falava-lhe da casa para onde o trouxera, situada num lugar remoto, no sopé das montanhas que eram azuis quando a luz brilhava de uma certa maneira, um pouco afastada de uma curva numa azinhaga. Descrevia os recantos das divisões, as portadas de madeira das janelas que ele a ouvia fechar e trancar quando o vento de leste soprava, lançando rajadas que vinham agitar o lume na sala a que em tempos chamavam «de estar». Descrevia o padrão da

passadeira na única escadaria da casa, as maçanetas azuis e brancas de porcelana dos armários da cozinha, a porta da frente que nunca se abria. Ele adorava ouvi-la. A mãe, que nunca se resignara a aceitar a enfermidade de que ele padecia, tratava-o com brusquidão. Quanto ao pai, um palafrenero em Barnagorm House, morto depois de uma queda, não o chegara a conhecer. — Esguio que nem um galgo — eis como Violet o descrevia, com base numa fotografia que se conservara.

Ela dava vida, como que por encanto, ao grande vestíbulo frio de Barnagorm House. — Quando nos dirigimos para a escada, o móvel que contornamos é uma mesa com um pavão em cima. Uma enorme ave prateada com pedacinhos de vidro colorido engastados nas asas abertas para representar o esplendor da plumagem. Verdes e azuis — disse quando ele lhe perguntou a cor, e sim, tinha a certeza de que era apenas vidro, e não jóias, porque alguém lho dissera certa vez, num dia em que ele se afadigava em volta do piano de cauda já muito decrépito na sala de visitas. As escadas formavam uma curva, isso ele sabia por as ter subido tantas e tantas vezes para ir afinar o *Chappell* no quarto das crianças. O primeiro patamar era escuro como um túnel, explicava Violet, com dois sofás, um em cada ponta, e fiadas de retratos sisudos meio perdidos nas sombras das paredes.

— Agora estamos a passar em frente à garagem do Doocey — dizia. — O pastor Feely está a encher o depósito nas bombas. — Na Doocey's vendia-se gasolina *Esso*, e ele sabia como se escrevia a palavra porque perguntara e ela lho tinha dito. No logótipo havia duas cores diferentes; ela comparou o respectivo feitio com formas que ele pudesse apalpar com os dedos. Ele viu, através dos olhos de Violet, a lúgubre fachada da casa dos McKirdys, nos arrabaldes de Oghill. Viu o rosto lívido do dono da papelaria em Kiliath. Viu os olhos da mãe fechados na morte, as mãos cruzadas sobre o peito. Viu as montanhas, azuis em certos dias, outras vezes com a neblina a pintá-las de cinzento. — As primaveras não são muito vistosas — explicou-lhe Violet. — A tonalidade parece-se mais com a da palha ou da manteiga caseira, com uma manchinha de cor no meio. — E ele fazia que sim com a cabeça e entendia. Um azul suave como fumo, dizia ela acerca das montanhas; a manchinha no meio mais cor-de-laranja do que vermelha. Ele nada sabia do fumo para além do que ela lhe dissera, é certo, mas conseguia decifrar aqueles sons. Distinguia o vermelho, teimava, por causa do som; e o cor-de-laranja porque podia saboreá-lo. Conseguia ver o vermelho no logótipo da *Esso* e a manchinha cor-de-laranja